

NOTICLÁRIO

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA SOCIEDADE DE ESTUDOS HISTÓRICOS, NO PERÍODO DE 27 DE SETEMBRO DE 1963 A 16 DE OUTUBRO DE 1964, APRESENTADO E APROVADO EM SESSÃO DE 20 DE NOVEMBRO DE 1964.

I. — Introdução.

De acôrdo com os estatutos da Sociedade de Estudos Históricos que determinam a realização de uma Assembléia Geral Ordinária, para a apresentação do relatório anual e eleição da nova diretoria, foram concatenados os dados abaixo discriminados que, somados aos da Tesouraria poderiam instrumentar a situação da entidade até a presente data.

Fundada, nesta capital, em 1942, por uma equipe de historiadores franceses e brasileiros; re-estruturada em 1950, a Sociedade de Estudos Históricos realizou nestes últimos 14 anos, 92 sessões culturais e administrativas. Sessões que, em sua quase totalidade, tiveram lugar no salão nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, sito à rua Maria Antônia, 294. 3.º andar.

Cumpre lembrar que o Departamento de História, provisoriamente alojado no edifício da Reitoria, na Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira", reservou uma de suas salas para sede da Sociedade, facultando a centralização dos trabalhos da secretaria e tesouraria, ainda em fase de efetiva organização.

Todavia, com os dados recebidos até então, foi possível abordar, em linhas gerais e provisórias, a fisionomia da entidade e submetê-la ao pronunciamento dos sócios presentes a esta Assembléia Geral Ordinária.

II. — Diretoria e Comissão Consultiva.

Na sessão administrativa de 27 de setembro de 1963, foi eleita e empossada a diretoria da entidade para o ano 1963-1964, abaixo nomeada:

Presidente: Eurípedes Simões de Paula.

Secretário: Maria Regina da Cunha Rodrigues.

Tesoureiro: José Augusto Vaz Valente.

Comissão Consultiva: Helmut Audrã, Sérgio Buarque de Holanda e Uacury de Assis Bastos.

A Diretoria reuniu-se dias após a fim de dar um balanço na situação da entidade e, obviamente, traçar um roteiro de atividade preconizadas pelos próprios Estatutos.

Verificou-se, de início, duas brechas intimamente ligadas entre si: a situação da Tesouraria e os trabalhos da Secretaria. Deixamos

o primeiro assunto ao Sr. tesoureiro. Quanto à Secretaria é lamentável termos de reconhecer que, ainda, não conseguimos atualizar o seu quadro social, em parte porque não houve receptividade ao questionário-circular, enviado a todos os sócios (em dados concretos: dos 168 questionários enviados, somente 38 foram devolvidos, devidamente preenchidos. E as assinaturas destes não coincidem com a dos sócios e visitantes presentes às reuniões mensais).

Todavia, a Secretaria conta com um esboço de organização, através de um fichário de sócios, de um arquivo de correspondência, de listas de remessa de circulares e convocações de sócios.

De positivo, a Diretoria programou e realizou, salvo algumas modificações supervenientes: um calendário de reuniões mensais, remetido a todos os sócios cujo paradeiro foi possível obter-se. Ainda, deu início a uma intercomunicação com outros departamentos da Faculdade de Filosofia (conforme se pode verificar pela relação das conferências).

Mais ainda, apresentou e já se acha impresso o sinete da Sociedade, elaborado pelo heraldista Dr. A. Augusto Menezes de Drummond.

Quanto ao intercâmbio com o Departamento de Educação do Estado, a fim de ser realizado o levantamento das Fontes Primárias dos Municípios Paulistas, ainda está embrionário. Das 128 circulares enviadas aos Professores de História, somente um (Atibaia) foi realizada e está publicada no n.º 56 da **Revista de História**.

Até a presente data o quadro social da Sociedade de Estudos Históricos conta com 196 nomes, distribuídos nestes dois últimos anos nas categorias seguintes:

1962-1963 — 170 associados.	
Sócios efetivos	109
Sócios correspondentes	50
Colaboradores de trabalhos e pesquisas	11
1963-1964 — Foram aceitos 24 associados	
Sócios efetivos	9
Sócios correspondentes	13
Colaboradores de trabalhos e pesquisas	4
Total geral	196 (1)

IV. — Reuniões.

De 27 de setembro de 1963 a 16 de outubro de 1964 tiveram lugar, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (sito à rua Maria Antônia, 294, 3.º andar) às sextas-feiras e no horário das 20,30 horas, as seguintes reuniões:

(1). — Cumpre considerar que se trata de um quadro social, precário e provisório, porquanto de acordo com os Estatutos, impõe-se uma revisão mediante os dados fornecidos pela Tesouraria e pela Secretaria.

- 1). — 27 de setembro de 1963.
- 2). — 30 de outubro de 1963.
- 3). — 22 de novembro de 1963.
- 4). — 20 de dezembro de 1963.
- 5). — 20 de março de 1964.
- 6). — 29 de maio de 1964 (2).
- 7). — 19 de junho de 1964.
- 8). — 21 de agosto de 1964 (3).
- 9). — 16 de outubro de 1964 (4).

V. — O sinete da Sociedade de Estudos Históricos.

Dentre as realizações da Sociedade neste último ano merece destaque a elaboração, aprovação e processo de impressão do sinete da Entidade.

Fato que se positivou graças aos bons ofícios do sócio efetivo, o heraldista Dr. A. A. Menezes de Drummond que, convidado pelo Prof. Simões de Paula e tendo sob as mãos as primeiras provas dos clichês desse mesmo sinete, na 89a. sessão cultural (29 de maio de 1964) teceu considerações em torno da sua simbologia. Justificando a tese de que a Heráldica, apesar de remontar ao século XI é uma ciência viva, o Dr. Drummond explicou os elementos do sinete: “águia acadêmica, de ouro, tendo nas garras uma ampulheta, um cânhamo e, no peito, a cruz do padroado de Cristo; a mesma cruz da Ordem de Cristo que figurava nas caravelas da esquadra cabralina e no brasão de armas do Império do Brasil. O escudo é redondo, em campo azul, com uma bordadura de ouro, onde as letras em azul, identificam-no: “Sociedade de Estudos Históricos — São Paulo — Brasil”.

Informou o Sr. Presidente, que esse sinete será usado nos papéis da entidade, como também nos diplomas dos sócios e, eventualmente em motivos outros.

- (2). — A reunião programada para 17 de abril, que seria a 89a. na ordem cronológica, não se realizou porque o conferencista, professor Zeferino Vaz, que iria falar sobre “O valor histórico da obra de Oswaldo Cruz”, ausentou-se a serviço desta capital, não havendo tempo de substituí-lo.
- (3). — A reunião de 18 de setembro, que de acordo com os Estatutos da entidade deveria ser uma Assembléia Geral Ordinária para apresentação de Relatório e eleição de nova diretoria, apesar de convocada, não se realizou por imprevisto impedimento do Salão Nobre da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
- (4). — Na reunião de 16 de outubro, o Prof. E. Simões de Paula propôs e o plenário aprovou, em caráter especial, a transferência da Assembléia Geral Ordinária para reunião de 20 de novembro p. f. Em caráter excepcional, dada a presença do Prof. Claudio P. Sestieri, diretor do Museu Luigi Pigorini, de Roma, que viera inaugurar o Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo, o Sr. Presidente da Sociedade anunciou na reunião de 19 de junho que aquele professor acedera em pronunciar uma conferência sobre: “A pintura etrusca e itálica”. A reunião, anunciada para o dia 23 de junho, na hora e local do costume, não se realizou por motivo de doença do conferencista.

VI. — Conferências.

- 1a. reunião — **E. Simões de Paula**: “Hamurabi e o seu código”.
- 2a. reunião — **Manuel Nunes Dias**: “O século XVIII hispano-americano e o Arquivo de Índias de Sevilha”.
- 3a. reunião — **Carlos Aldrovandi**: “Aspectos da Arqueologia Incaica”.
- 4a. reunião — **João Cruz Costa**: “Um aspecto de Filosofia da História do século XIX: Cournot”.
- 5a. reunião — **Enrico Schaeffer**: “Albert Eckout e a pintura colonial brasileira”.
- 6a. reunião — **José Augusto Vaz Valente**: “Da utilidade da História”.
- 7a. reunião — **Helmut Audrä**: “140 anos de emigração alemã no Brasil”.
- 9a. reunião — **Linneu de Camargo Schützer**: “A lei natural em João Batista Vicco”.
- 9a. reunião — **Joaquim Barradas de Carvalho**: “O Esmeraldo de Situ Orbis, de Duarte Pacheco Pereira na História da Cultura”.

VII. — Conclusão.

Este é o relatório que a Secretaria, com os elementos que pôde dispor, elaborou para submetê-lo ao pronunciamento dos sócios presentes à Assembléia Geral Extraordinária de 20 de novembro de 1964.

São Paulo, 20 de novembro de 1964.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

Secretária

*

* * *

MOVIMENTO DA TESOUREARIA: ANO DE 1963-1964.

Foi-me transferida a Tesouraria da Sociedade de Estudos Históricos aos 20 de dezembro de 1963, havendo a essa data o saldo positivo de Cr\$ 26.341,00 (vinte e seis mil e trezentos e quarenta e um cruzeiros), saldo êsse lançado a fôlhas 8 v., do livro de contabilidade, depois de conferido pelo Presidente, Secretário e Tesoureiro, que aposeram as respectivas assinaturas.

A êsses dados se resume o movimento do referido mês de dezembro. O mesmo saldo se manteve durante o mês de janeiro de 1964.

No mês de fevereiro houve uma despêsa de Cr\$ 11.887,80 (onze mil, oitocentos e oitenta e sete cruzeiros e oitenta centavos), relativos à confecção de um desenho para o emblema da Sociedade (Cr\$ 5.000,00) e a compra de material de expediente (Cr\$ 6.887,80) cujos

comprovantes são as notas de n.º 1 e de n.º 2 registadas a fôlha 11 do livro de contabilidade.

No mês de março manteve-se inalterável a contabilidade.

Em abril houve a contribuição de 20 (vinte) sócios, o que totalizou a quantia de Cr\$ 40.000,00 na receita desse mês, havendo uma despesa correspondente, de cobranças, de Cr\$ 12.000,00.

Em maio mais 16 sócios deram a sua contribuição à nossa Sociedade o que somou Cr\$ 32.000,00 à receita, sendo a despesa de cobrança de Cr\$ 9.600,00.

O mês de junho apresentou a contribuição de 3 sócios no total de Cr\$ 6.000,00, a que correspondeu na cobrança, como despesa, Cr\$ 1.800,00. Acrescenta-se à despesa deste mês a importância de Cr\$ 5.000,00 constante da nota n.º 3, inscrita a fôlhas 15, para pagamento de um desenho para reprodução de um clichê a côres.

Julho, mês de férias, não deu alteração na contabilidade.

Em agosto houve a contribuição de 13 sócios com Cr\$ 26.000,00 e uma despesa de cobrança de Cr\$ 7.800,00.

Em setembro não houve alteração.

Em outubro tivemos a contribuição de oito sócios com Cr\$ 16.000,00 e a despesa com cobrador de Cr\$ 4.800,00; houve ainda a despesa com o envio de 5 convites pelo correio o que totalizou o gasto de Cr\$ 50,00 em selos; houve mais o pagamento de seis passagens de ônibus para entrega de convites em mãos o que acarretou a despesa de Cr\$ 360,00.

No mês de novembro foi pago o clichê (um jôgo de traços a 5 côres, 14 x 10) para o emblema da Sociedade, conforme nota n.º 4, registada a fôlhas 20, na importância de Cr\$ 15.969,40.

Resumo:

Receita

Saldo do ano anterior	Cr\$	26.341,00
Contribuições dos sócios	Cr\$	120.000,00
Total	Cr\$	146.341,00

Despesa

Total da despesa	Cr\$	69.267,20
Saldo	Cr\$	77.073,80

JOSE' AUGUSTO VAZ VALENTE
Tesorreiro

*

* * *

**DEFESA DE TESE DE DOUTORAMENTO DA LICENCIADA
MARIA TEREZA SCHORER PETRONE.**

A lavoura canvieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851).

os meados do século XVIII a capitania de São Paulo apresentava um quadro pouco animador. Os navios que aqui chegavam depois

da lei que aboliu as frotas para o Rio de Janeiro e Bahia e do alvará de 2 de junho de 1766 permitindo a navegação para qualquer pórtio, não encontravam o que embarcar. Anos mais tarde, ao findar o século a situação era já promissora. Desenvolvera-se a produção açucareira que permitiu a incorporação dessa região a economia comercial de exportação. Graças a ela transformou-se a paisagem, modificaram-se as estruturas sociais e os valores tradicionais. Rompeu-se com o passado. Uma longa tradição de aventuras no sertão, a procura de índios, de ouro e pedras preciosas foi abandonada e a agricultura que até então era considerada degradante passou a ser a principal atividade da região.

Na extensa bibliografia paulista faltavam estudos sobre essa época. As fases de expansão e bandeirismo e mais tarde do café monopolizaram a atenção dos historiadores. A tese da professora Maria Tereza Schörer Petrone, instrutora da Cadeira de História da Civilização Brasileira veio sanar essa lacuna. Elaborada sob a direção do professor Sérgio Buarque de Holanda, o trabalho apresenta-se sólidamente documentado, apoiando-se em numerosas fontes manuscritas e impressas e traz a luz importantes informações sobre as áreas açucareiras paulistas, entre 1765 e 1851. Correspondência de Governadores e Capitães, Coleção de Legislação Portuguesa, Leis do Brasil, Documentos Interessantes para a História dos Costumes de São Paulo, Memórias, Relatos e Descrições de Viajantes, Cronistas e Informantes, foram exaustivamente utilizados. Na monografia apresentada são abordados os vários aspectos ligados à economia açucareira desde as primeiras tentativas feitas pelo Morgadô de Mateus no sentido de incrementar a produção para exportação até meados do século quando a exportação desse produto pelo pórtio de Santos foi superada pela do café. Depois de caracterizar as principais áreas produtoras de cana em São Paulo: o litoral, a área ao longo do caminho do Rio de Janeiro e o quadrilátero do açúcar — abrangendo a região compreendida entre Sorocaba, Piracicaba, Mogi Guaçu e Jundiá, estuda a formação da fazenda de cana, o sistema de propriedade, extensão, importância da existência das matas, pastos e água para o funcionamento do engenho e vida da fazenda. A seguir são descritas as práticas agrícolas, os processos de fabrico do açúcar e aguardente, os quadros humanos, senhores e escravos, e finalmente a comercialização do produto: a política de exportação, volume e importância da mercadoria exportada, mercados, qualidades do açúcar, fraudes e acondicionamentos, meios de transporte e vias de comunicação. A obra contém em apêndice, interessante estudo baseado em documentos particulares do Barão de Iguape, que permitem conhecer aspectos da vida de um comerciante de açúcar, desse período. Em anexo estão transcritos dois documentos: Contrato para a construção de um engenho e Representação de Diogo de Toledo Lara. Além de duas ilustrações: Vista de conjunto e planta do Engenho d'Água em Vila Bela e Engenho São Matias, ilustram o trabalho várias tabelas, laboriosamente construídas a partir de dados obtidos em fontes diversas, informando sobre o número de

engenhos, produção de açúcar e aguardente nas várias zonas, número de propriedades em relação as áreas, mercados consumidores de açúcar e café e procedência do açúcar exportado por Santos. A riqueza da documentação e o bom aproveitamento do material conferem inegável valor científico ao trabalho que representa uma valiosa contribuição para a história econômica e social do Brasil.

DEFESA DE TESE.

A tese foi apresentada em 18 de agosto de 1964 à banca examinadora composta pelos professores Wanderley Pinho, Alice Canabrava, Eduardo d'Oliveira França, Eurípedes Simões de Paula e Sérgio Buarque de Holanda.

Arguição do prof. Wanderley Pinho.

Iniciando a arguição o prof. Wanderley Pinho depois de louvar o trabalho e salientar a riqueza de pesquisa e informações lamenta a pobreza do acabamento, notando certo embaraço no uso das estatísticas e dos dados, o tom enumerativo de certas passagens e algumas repetições no texto. Considerando a inoportunidade do emprego da palavra ciclo para caracterizar a economia açucareira diz que nunca houve ciclo do ouro, do açúcar ou do cacau, como pretendem alguns historiadores. A expressão ciclo tem o sentido de repetição periódica e está longe de significar período ou época como em geral tem sido empregada. Critica a delimitação cronológica utilizada pela autora, aponta o perigo de se pretender datar ciclos. A data inicial tanto poderia ser 1765, como 1788, 1790, 1805 ou 1820, a autora parece mesmo, às vezes, hesitar entre elas. A escolha de 1851 como fim do ciclo açucareiro não lhe parece conveniente uma vez que a produção açucareira não cessa nessa data. O fato do volume de café exportado por Santos ter superado em 1851 o volume de açúcar não é suficiente para justificar a escolha desta data como balisa final. Indaga se não seria melhor adotar um critério de valor. Por outro lado, não lhe parece que em 1851, fôsem a plantação de cana e o fabrico do açúcar abandonados pelo café, pois muito mais tarde, em 1874, a cultura da cana ainda é importante, estando em decadência apenas em seis municípios segundo informa uma relação sobre o estado da lavoura nessa época. Pergunta ainda como se explicaria que sendo 1846-1847 o ano de maior safra açucareira, tivessem os agricultores se orientado para a plantação de café? Indaga onde se documentou a autora para afirmar que houve uma diminuição dos negócios de açúcar no Rio de Janeiro, durante a Revolução do Pôrto. Lembra que para descrição dos engenhos se encontram subsídios nos inventários e testamentos. Indaga finalmente se a Autora tem tantas reservas sobre os dados estatísticos utilizados, considerando-os contraditórios, insuficientes e falsos, como pode erguer a tese sobre eles? Nota que em certas passagens empilham-se dados estatísticos sem que afinal resulte qualquer certeza histórica.

Com a palavra a profa. Theresa Petrone diz que a utilização da expressão ciclo só foi feita de maneira casual e que embora reconheça os riscos de seu emprêgo e concorde com as restrições feitas pelo examinador, usou tal expressão por ser consagrada na historiografia paulista, como por exemplo nas obras de Alfredo Ellis Júnior ou Simonsen. Quanto à escôlha da data inicial, diz que a princípio hesitou, mas optou pelo ano de 1785 que corresponde à ação desenvolvida pelo Morgado de Mateus, que muito favoreceu a produção e comercialização do açúcar e coincide com as primeiras notícias que se tem sôbre o desenvolvimento da cultura da cana e fabrico de açúcar nessa região. Na realidade, os primeiros anos, até a época do govêrno de Bernardo de Lorena são anos de preparação, em que, graças às várias medidas tomadas pela administração, se desenvolverá a produção açucareira. As notícias do Morgado de Mateus são muito incisivas nesse sentido. A balisa final do trabalho foi escolhida em função dos dados que demonstram que o café superou em volume a exportação do açúcar pelo pôrto de Santos. Faltam elementos para calcular o valor, pois os dados da Barreira do Cubatão, que são os mais exatos, nem sempre fazem referência ao tipo de açúcar e de café, o que seria essencial para um cálculo de valor, dada a variação de preços que existe entre os vários tipos. Tôda a documentação compulsada parece confirmar que nos meados do século houve substituição dos canaviais pelos cafêzais. As informações sôbre a decadência do comércio de açúcar no Rio de Janeiro durante a Revolução do Pôrto foram obtidas através das cartas do Barão de Iguape. Observa a seguir que os dados estatísticos parecem demonstrar que as áreas que mais produzem açúcar em 1846-1847 são as que mais produzirão café em 1851-1852. Os dados de produção coincidem, nesse sentido, com as tabelas sôbre procedência de açúcar e café exportados por Santos. Concorde que, em princípio, uma grande safra de açúcar seria incentivo para as plantações, mas o que parece ter ocorrido é que o preço do frete onerando mais o açúcar do que o café, foi fator decisivo para aquela mudança. Diz ainda que se empenhou em obter informações que permitissem reconstituir um engenho, tendo mesmo recorrido à ajuda da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Tentou descrever grãficamente um engenho, fundamentando-se para isso, em dados colhidos na documentação e chegara a contar com a ajuda do professor Luís Saia. Essa tentativa fracassara, entretanto, por falta de elementos. Apesar de ter utilizado inventários e testemunhos não lhe ocorrera utilizá-los para aquela reconstituição. Concorde que o capítulo VIII está sobrecarregado de dados estatísticos. Considera que não obstante sua fragilidade, merecem ser utilizados, desde que se ressalve a sua insuficiência, pois apesar da inexatidão fornecem uma idéia aproximada da realidade.

Arguição da profa. Alice Canabrava.

Salienta inicialmente as qualidades de pesquisadora reveladas pela candidata. A imensa soma de dados colhidos demonstram o quanto labutou nas fontes manuscritas. Entretanto, parece-lhe que a au-

ra ficou de tal modo fascinada pela documentação que deixou, às vezes, de ver os problemas. A tese tem uma grande densidade de informação mas faltam-lhes idéias no sentido de compreender e interpretar os dados. Falta-lhe um pensamento condutor. Se tivesse acompanhado o desenvolvimento da economia açucareira na escala internacional, talvez tivesse chegado a uma compreensão mais ampla do problema. A análise da conjuntura internacional mostraria que houve inicialmente um período favorável. A Revolução Francesa e as Guerras Napoleônicas e as perturbações decorrentes provocaram a destruição dos engenhos antilhanos, aumentando conseqüentemente as possibilidades de colocação do açúcar brasileiro no mercado internacional. Vista a questão no plano da conjuntura internacional a problemática seria verificar a partir daí de que maneira comportaram-se as três áreas individualizadas na tese. Parece-lhe interessante o problema da involução do litoral norte. Quais as formas de regressão? Outra questão importante seria a da transição em certas áreas, da economia do açúcar para a do café. Como se comportam os fatores de produção nas diversas regiões? A autora detem-se a analisar longamente problemas referentes à área ocupada. Não lhe parece que esta questão seja importante, pois pequena, média e grande propriedade são termos pouco significativos nesse período. Por outro lado, a indicação da produtividade do escravo assume significado quando comparada a de outras áreas inclusive com a de outros países. Isso permite mostrar até que ponto ela é deficitária nas áreas estudadas, tendo-se em vista, igualmente, o preço do escravo. Considera que a autora tratou muito bem dos problemas da lavoura e da técnica. Observa finalmente que a partir de 1815, a conjuntura internacional muda de maneira gradativa. Modificam-se as condições de mercado, reorganizam-se os centros produtores antilhanos. Estariam os setores estudados, aptos a reagir à concorrência que então se restabelece? Talvez sim, quanto a disponibilidade de terras, pois apresentavam-se nesse sentido melhor aquinhoadas que as regiões antilhanas. A situação da mão-de-obra era também equivalente. Já não se poderia dizer o mesmo em relação à técnica. As áreas brasileiras estavam a êsse respeito em situação de inferioridade. Ocorreram nas Antilhas, nesse período, aperfeiçoamentos fundamentais que revolucionaram o sistema de produção do açúcar e essa revolução da técnica nos dá a chave para a compreensão da queda dos preços. Invenções tais como a caldeira a vácuo, o centrifugador, tão importantes para o fabrico do açúcar quanto a de Ely Whitney para a industrialização do algodão, provocaram uma verdadeira revolução técnica de conseqüências enormes para o aumento da produtividade: produzem melhor qualidade tornam a produção mais econômica, ampliam o rendimento. Entretanto, no Brasil as dificuldades para aquisição de novas máquinas são grandes, principalmente em virtude da insuficiência de capitais, o que é agravado pela baixa de preços do açúcar no mercado internacional. O setor açucareiro sofre, em conseqüência, um processo de descapitalização. Foi inegavelmente a pressão econômica sobre o setor

açucareiro que propiciou a mudança para a cultura do café. Nota a seguir que faltam gráficos de preços que objetivem melhor a questão. Observa ainda que a figura de Antônio da Silva Prado se tornaria mais compreensiva se tivessem sido encarados certos problemas de ordem mais ampla tais como o do capital. A autora informa que este deve ter vindo do comércio, mas não tentou analisar o índice de capitalização. Quanto corresponde ao período de expansão e quanto ao período de retração? Uma consulta às estatísticas do Banco do Brasil referente às fazendas hipotecadas talvez ajudasse a esclarecer a questão. Observa que a terminologia usada na tese é, às vezes, pouco precisa, pois não se pode falar em fábricas nesse período e sim em manufaturas. Concorde com as observações feitas pelo prof. Wanderley Pinho quanto à utilização da palavra ciclo. Também lhe merece reparo a afirmação de que a mentalidade capitalista está se desenvolvendo no período tratado, pois, a seu ver, essa mentalidade já está nas próprias bases da economia brasileira. Finaliza sua arguição apontando a ausência de certas fontes como sejam Lipmann, Celso Furtado, Anuário Estatístico do I.B.G.E. e acentua que é importante lembrar que o produtor brasileiro para receber a metade do que recebe o europeu é obrigado nessa época, a entregar o dôbro. Concluindo salienta que suas observações nasceram do interesse com que leu o trabalho e não diminuem em nada o seu valor.

Em resposta a profa. Maria Thereza Petrone diz que ao realizar um estudo monográfico preferiu relatar o que sucedeu, baseando-se em fontes primárias a abordar o problema nas suas conexões com a conjuntura internacional o que necessariamente a levaria a utilização de fontes secundárias. Acreditou que estaria assim prestando uma melhor contribuição para os estudos históricos no Brasil, uma vez que pouco ou nada se conhece dessas questões. Por outro lado, os problemas que afetam a evolução da economia açucareira nessas áreas nem sempre podem ser relacionados com a conjuntura internacional. A decadência da produção açucareira do litoral norte, por exemplo, explica-se, principalmente, pelas medidas tomadas por Bernardo José de Lorena determinando que a exportação fôsse feita apenas por Santos, o que prejudicou aquela área. São principalmente os fatores locais: meio desfavorável, medidas dos governadores que causaram a involução do litoral norte. Com relação ao quadrilátero do açúcar, se de fato a conjuntura repercutiu de maneira mais direta, não menos importantes foram as condições locais, bem como as medidas administrativas que beneficiaram particularmente essa região em prejuízo das demais. Justifica o fato de ter dado um grande desenvolvimento à questão do tamanho das propriedades, pela atualidade do assunto e grande interesse dos documentos de que dispunha para estudá-la. Não se preocupou em colher dados sobre a produtividade do escravo, pois conhecendo a diversidade de condições de trabalho nas várias regiões julgou inútil uma informação sobre o assunto. Considera que o problema das transformações técnicas é extremamente importante para explicar

a conjuntura internacionál, mas tem no Brasil escassa repercussão, nessa época. Essas inovações não foram trazidas para as áreas em questão, o que em geral tem sido explicado pela presença do braço escravo, incompatível com a mecanização. Entretanto, nas Antilhas, onde as circunstâncias de trabalho eram semelhantes, e onde se utilizava também o escravo, essas inovações foram introduzidas em larga escala, revolucionando o sistema de produção do açúcar. Quanto à observação feita sôbre o interesse em estabelecer os preços locais e internacionais, mas elas haviam se revelado de tão difícil execução dada a falta de uniformidade dos dados, provenientes de fontes diversas, que abandonara a idéia. No que se refere a questão dos capitais procurara indicar algumas formas de acumulação no capítulo que trata da fazenda de cana. Não lhe ocorrera consultar as estatísticas do Banco do Brasil. Quanto ao emprêgo da expressão fábrica, em vez de manufatura, isso se deve à menção que é feita nas fontes, onde sempre se fala em fábrica. Finalmente justifica sua afirmação sôbre o desenvolvimento da mentalidade capitalista nesse período dizendo que tivera em mente caracterizar a mudança que ocorreu nesse setor quando uma população que estivera à margem da economia de exportação, nela se integra.

Arguição do prof. Eduardo d'Oliveira Franca.

Salienta inicialmente que o trabalho revela seriedade e fidelidade às fontes, o desejo de nada afirmar sem nelas se fundamentar, de deixar falar os documentos e mesmo um certo temor e reserva em saltar dos documentos para as idéias. Considera que o trabalho nasce velho pelo método, embora nôvo naquilo que reúne. A autora apoiando-se em dados quantitativos duvida dêles e abalou os próprios alicerces de sua tese ao confessar que os dados não são dignos de fé. Parte da idéia de que o que está nos textos é verdade e raramente os critica. Às vêzes chega ao ponto de colocar lado a lado dois dados contraditórios sem sequer criticá-los. Apresenta os fatos, não os explica. Trata da expansão e declínio da cultura açucareira, sem explicar as razões. A tese resulta na apresentação de um material enorme, a revelar capacidade de trabalho, mas não contribui para explicar o processo estudado. Razão teve a profa. Alice Canabrava ao apontar a falta de uma idéia diretriz. Falta à tese uma idéia diretriz, um plano. A autora não demonstra uma tese em sua tese. Num trabalho dêsse gênero não se trata de conservar os dados e apresentá-los, mas é preciso iluminá-los. Sem o que resulta um trabalho que poderia ser realizado por um pesquisador cuidadoso, mas sem formação universitária. Falta a reconstituição das estruturas, dos ritmos econômicos. Faltam gráficos. Há ascensões e declínios nessa economia que muda, na produção, nos preços, no aproveitamento da terra. Há um ritmo na evolução econômica que é preciso descobrir. Não estuda a autora a conjuntura nem a economia brasileira nem a internacional. Como se a vida econômica fôsse independente do político, do social, da mentalidade. Onde estão as idéias

em sua tese? Ou esse homem não tinha idéias? Onde o liberalismo típico dessa fase? Quais as idéias que presidem a política administrativa? Há no trabalho uma ausência de esquema válido. As observações não se assentam sobre dados da Economia Política. O importante problema dos capitais, não mereceu mais do que uma página. A autora fez mau uso das estatísticas. Aceita dados de autores que sabe não serem fidedignos, sem confrontá-los, nem discutí-los. Às vezes escolhe entre duas informações sem dizer porque. Recusa-se a fazer contas, cálculos de índices, porcentagens, médias. Estas aparecem aqui e acolá como à página 108 onde figura a média de renda por engenho. Não procura homogeneizar os dados para poder compreendê-los. Entretanto, sem matemática é impossível fazer história econômica. Não somou sequer as produções regionais para compará-las. Qual o rendimento *per capita* em cada área? Os dados demográficos são omitidos. Por tudo isso quando tenta comparar, não pode comparar e não podendo comparar não pode concluir. A tese baseia-se no quantitativo e não há gráficos. Entretanto, os gráficos fazem ver muito melhor os fenômenos quantitativos. A autora não faz falar os números. Critica o critério que presidiu a elaboração cartográfica. Falta uma tabela do número de engenhos por área. Não foi utilizado um mapa de estradas e o resultado foi que confundiu-se o roteiro dos tupiniquins com a estrada do Padre José. São omitidas outras estradas e a rota das canoas de voga. Restaria ainda criticar a ausência do homem concreto. Faltam nomes de homens. Faltam ainda a Geografia e a Demografia que fuito ajudariam a compreender a questão.

Diz a candidata Maria Thereza Petrone que procurara demonstrar que os dados estatísticos não resistem à crítica e que não são exatos, permitindo apenas uma visão aproximada. Utilizara-os com o intuito de balisar a economia açucareira. Os dados foram previamente submetidos à crítica e apenas os mais dignos de crédito foram utilizados. Muitos, por não serem considerados fidedignos foram abandonados. Diz o examinador que falta explicação do surto da economia açucareira, entretanto, o primeiro capítulo da tese pretende demonstrar e explicar esse surto e o capítulo seguinte, que estuda as áreas canavieiras, aborda as etapas do desenvolvimento. Abandonara deliberadamente o problema dos ritmos econômicos mais amplos, pois a sua intenção fôra fazer uma monografia sobre a lavoura canavieira em São Paulo, sem se preocupar em explicar o problema do ponto de vista internacional. Pelo mesmo motivo, ao caracterizar a mentalidade dos capitães-mores não tratara do liberalismo econômico, pois esta questão já tem sido muito estudada na bibliografia européia e nesse sentido nada poderia acrescentar. Julgara mais importante para a história do Brasil estudar os aspectos brasileiros tão pouco conhecidos e pesquisados, deixando subentendidas as questões ideológicas. Quanto ao pequeno desenvolvimento dado à questão dos capitais justifica pela falta de informes sobre o assunto. Acredita que se utilizou de índices e médias quando necessárias. Há

no trabalho, além de tabelas que mostram o desenvolvimento das várias áreas uma tabela sôbre procedência do açúcar exportado. Não foi calculada a produção **per capita** pois êsse cálculo daria uma falsa visão do problema uma vez que os dados de população incluem indistintamente a população urbana, suburbana e rural, o que impede qualquer cálculo mais objetivo. Por outro lado não adiantaria comparar o número de engenhos correspondente às várias áreas pois não é êste número que importa, mas a produção. Por isso, em vez de fazer uma tabela do número de engenhos, por área, preferiu os dados de produção. Não apresentou mapas de estradas porque a mapeação dos caminhos neste periodo é muito complexa e seria mesmo impossível a elaboração de uma carta correta. Com relação à trilha tupiniquim e o caminho do Padre José acredita que na tese não há a confusão apontada pelo examinador. Por outro lado, se bem que tivesse citado alguns nomes de senhores de engenho, procurou não sobrecarregar a tese com nomes. Quanto a apontada ausência da geografia justifica dizendo que incluiu apenas os dados que resultaram de pesquisa própria e que lhe pareceram necessários, remetendo o leitor à bibliografia especializada, evitando assim copiar o que outros já escreveram sôbre o assunto.

Arguição do prof. Eurípedes Simões de Paula.

Observa inicialmente que sua crítica terá como objetivo enriquecer a tese. Gostaria de encontrar textos manuscritos, documentos, transcritos na tese. A seu ver falta-lhe documentação. **Pas de documents, pas d'Histoire** dizia Lucien Febvre. Crítica a seguir, as datas escolhidas como balizas da tese: de um lado uma data política, e de outro uma data econômica. Teria preferido o ano de 1789 como data inicial. E' dêsse ano o édito de Bernardo José de Lorena que condena à decadência o litoral norte. Lamenta que não tenha sido citado as **Memórias** publicadas por Antônio Paulino de Almeida na **Revista de História** e observa que a **Revista** não foi mencionada uma vez sequer na tese. O plano da obra obedece, a seu ver, a uma orientação clássica. O trabalho é redigido com clareza e concisão e denota familiaridade com os problemas geográficos. Entretanto, as notas colocadas em fim de capítulo são muito incômodas e pouco recomendáveis. Melhor seria, a seu ver, colocá-las no rodapé. Faz reparos a algumas citações e notas que lhe pareceram imprecisas. Observa finalmente que caberia no capítulo I referências a São Vicente, onde se estabelecera já no século XVI o Engenho dos Erasmos, o primeiro engenho de açúcar destas paragens e que fôra objeto de estudo num artigo publicado na **Revista de História**. Informa que as ruínas dêsse Engenho ainda podem ser vistas e que são conservadas pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Responde a candidata que não incluiu documentos no texto para não tornar mais volumosa a tese que já se apresenta muito extensa. Transcreveu apenas dois documentos que lhe pareceram mui-

to valiosos. Concorde em que devam ser publicados os documentos que tem em mãos e que são sumamente interessantes. Quanto à escolha de uma data política como ponto inicial da tese esclarece que essa data da restauração da capitania tem também um significado econômico, pois é partir daí que se criam condições para o desenvolvimento do açúcar. Concorde que a data de 1789 é extremamente importante e por isso mesmo mencionou-a várias vezes na tese. Justifica a não inclusão da obra do prof. Paulino de Almeida na bibliografia por não tratar das áreas estudadas e esclarece finalmente que no capítulo sobre engenhos foi feita uma referência à sua restauração pela Diretoria do Patrimônio Artístico Nacional. Não se deteve particularmente no Engenho dos Erasmos por estar fora do período estudado. Explica finalmente que as notas foram colocadas no fim do capítulo para facilitar o serviço de datilografia.

Arguição do prof. Sérgio Buarque de Holanda.

Observa, inicialmente que na qualidade de orientador da tese teve ocasião de apresentar sugestões e fazer observações durante a sua elaboração, mas que ao acompanhá-la passo a passo, viu frequentemente as miudezas e perdeu a visão de conjunto que só lhe foi dado ter depois de concluída a tese. Só então pudera avaliá-la no seu todo e encontrara alguns aspectos que fazem admitir, em parte, algumas das críticas feitas. O assunto da tese parece-lhe de grande importância. Faltam estudos sobre a área em questão. A escolha das datas limítrofes é sempre um artifício e elas são escolhidas de maneira arbitrária. A data inicial é uma data política e uma data econômica como bem observara a candidata. Concorde com alguns examinadores quando afirmam que há na tese, às vezes, uma certa imprecisão de dados, ausência de crítica de outros, assim como também falta de certos momentos, a correlação dos dados nacionais e internacionais. O trabalho, entretanto, tem cunho monográfico e foi realizado nos moldes, frequentemente seguidos pelos americanos, lembrando até certo ponto o que fez Stanley Stein para Vassouras. Observa que todos os examinadores reconheceram a honestidade, o zelo e o cuidado na utilização dos dados, embora pudessem notar uma certa timidez na sua elaboração, timidez natural em estreates. Lembra que na história como na antropologia há difusionistas e funcionalistas, o que explicaria a preferência por este ou aquele tipo de abordagem. Quanto a apontada imprecisão dos dados estatísticos lembra que autora já fizera a crítica antes de utilizá-los e no conjunto os erros somados permitem obter uma certa aproximação da realidade. A timidez em lançar afirmações para as quais não dispõem de abundante documentação impediu-a de mostrar melhor as áreas de proveniência dos senhores de engenho e suas ocupações primitivas. Entretanto, o estudo de alguns casos permite esclarecer a questão: Antônio de Barros Penteado era mineiro e ligado ao comércio, Antônio da Silva Prado também estava envolvido nessas atividades. O Brigadeiro Luís Antônio esti-

vera empenhado em atividades comerciais, contratos de dízimos e outros impostos. O Brigadeiro Jordão dedicara-se ao comércio de fazendas, conseguindo acumular capitais que aplicou em terras. O Senador Vergueiro era advogado, Costa Carvalho que se casou com a viúva do Brigadeiro Luís Antônio era magistrado e chegou a ter projeção política provávelmente em virtude da fortuna acumulada nas atividades açucareiras. Ao concluir salienta o caráter pioneiro do trabalho, o que permite desculpar as insuficiências e admirar o que existe de positivo nêle. Termina frisando a importância das pesquisas de História local fundamentadas em fontes primárias. Agradecendo as palavras do prof. Sérgio Buarque de Holanda a candidata observou que não chegara a fazer afirmações sobre a proveniência dos capitais aplicados a indústria açucareira por julgar que as informações sobre alguns poucos casos conhecidos não eram suficientes para esclarecer a realidade e que a impressão que lhe ficara do contacto com a documentação era que houve um processo de auto-financiamento.

EMÍLIA VIOTTI DA COSTA

*

II SEMINÁRIO IBÉRICO E IBEROAMERICANO NA ITALIA.

Por iniciativa do Seminário Ibérico e Iberoamericano do Instituto Universitário Oriental de Nápoles e do Instituto de Filologia Românica da Universidade de Pisa, que promoveram a primeira reunião de cultores de estudos filológicos e históricos portugueses e brasileiros na Itália, realizada em Pisa de 9 a 10 de dezembro de 1960, promoverão a II reunião do gênero no Instituto Universitário Oriental de Nápoles no fim do inverno de 1964-1965, em data que oportunamente será comunicada.

Os interessados poderão dirigir-se ao Prof. Silvio Pellegrini, da Universidade de Pisa, ou ao Prof. Giuseppe Carlo Rossi, do Instituto Universitário Oriental de Nápoles.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

*

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PERIÓDICOS.

Em Roma, de 24 a 30 de abril dêste ano, realizar-se-á, devido ao XV Congresso Internacional da Imprensa Periódica e sob o patrocínio do presidente da República Italiana, a II Exposição Internacional de Periódicos.

Os fins da reunião, promovida pela União da Imprensa Periódica Italiana, são os seguintes:

1. — Fazer uma propaganda eficaz e profunda a favor dos periódicos;

2. — Oferecer a editôres, técnicos gráficos, estudiosos, operadores comerciais e industriais e a todo o vasto público de leitores uma resenha tangível dos periódicos mais importantes;

3. — Sublinhar as relações existentes entre os periódicos e o mundo cultural, econômico, industrial e comercial moderno.

A Exposição será realizada no Palazzo Venezia e será aberta ao público.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

*

COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR A SER REALIZADO NO "CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE" DE PARIS

(11-17 de outubro de 1965).

Está previsto para 11 a 17 de outubro do próximo ano a realização, em Paris, dum Colóquio Interdisciplinar no "Centre National de la Recherche Scientifique" cujo programa é o seguinte:

PROBLEMAS AGRÁRIOS DAS AMÉRICAS LATINAS.

Fontes de Informação. Antecedentes. Dados atuais. Esforços de renovação.

I. — OS CAMPONESES: COMUNIDADES E PEQUENOS PROPRIETÁRIOS.

- a) As comunidades: Tradicionais. Em vias de desagregação. Desintegradas ou re-estruturadas.
- b) As pequenas propriedades: Modos de vida. Níveis de vida. Mentalidades. Organizações tradicionais ou novas.
Da comunidade e do auxílio mútuo à cooperativa?

II. — AS GRANDES PROPRIEDADES AGRÍCOLAS E DE CRIAÇÃO.

Persistência de tipos tradicionais. Modernização da grande propriedade.

As conseqüências sociais dos progressos agrícolas e técnicos?

III. — AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE REFORMA AGRÁRIA.

Soluções ao mesmo tempo econômicas e sociais?

Nota — Os problemas econômicos, geográficos, demográficos, sociais, culturais, relativos aos pontos assinalados serão mais particularmente estudados tendo em vista fornecer elementos de resposta às perguntas formuladas (em negrito no texto).

O estudo dos precedentes históricos, concebidos de maneira ampla, é sobretudo destinado a melhor esclarecer a verdadeira natureza das estruturas tradicionais.

Para o ponto III, a pesquisa de soluções se limitará ao estudo de experiências já realizadas ou em curso de realização.

O esquema acima proposto será utilizado de maneira flexível, mesmo porque se liga a situações reais muitas vezes muito complexas. E' assim que a noção de comunidade se presta a discussão (englobando profundas realidades, em particular numa perspectiva histórica). Da mesma maneira não existe sempre limites muito nítidos entre grande, média e pequena propriedade; da mesma maneira que entre o pequeno proprietário que deve completar suas rendas no exterior e alguns pequenos arrendatários de domínios tradicionais, por exemplo.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

*

III SEMANA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DEDICADOS AOS LAICOS NA SOCIEDADE RELIGIOSA DOS SÉCULOS XI E XII.

Realiza-se de 22 a 27 de agosto do corrente ano em Passo della Mendola (Trento), sob os auspícios da Università Cattolica del Sacro Cuore (Milano, Piazza S. Ambrogio, 9) a III Semana Internacional de estudos dedicados aos laicos na sociedade religiosa dos séculos XI e XII (problemas e pesquisas).

Os estudos sobre a reforma gregoriana puseram em evidência a contribuição de Cluny, de Gorze e de outras fundações e correntes monásticas para tal movimento de fundamental importância para a história da Europa.

Outros aspectos da rica vida espiritual da época, porém, permaneceram obscuros. Somente nos últimos anos houve preocupação em se saber alguma coisa sobre esses temas obscuros, em particular sobre a vida quotidiana do clero secular, sobre os eremitas e sobretudo acerca da *ordo laicorum*.

Aos problemas da reforma canônica, ao eremitismo do Ocidente nos séculos XI e XII foram dedicados, pela Universidade Católica do Sagrado Coração, respectivamente em setembro de 1959 e em agosto-setembro de 1962, uma "Semana de estudo".

Aos problemas dos laicos na sociedade religiosa dos séculos XI e XII será dedicada a próxima "Semana de estudo", com a qual se propõe a Universidade trazer uma contribuição ao conhecimento do fenômeno nos seus múltiplos aspectos (espiritual, litúrgico, cultural, artístico, jurídico e econômico).

Toda a correspondência sobre a "Semana de estudo" em apreço deverá ser dirigida ao Prof. Cosimo Damiano Fonseca, Secretário Geral, Largo A. Gemelli, 1, Milano.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

*

DISTINÇÃO RECEBIDA PELO PROF. MANUEL NUNES DIAS.

A *Revista de História* se rejubila pela distinção concedida a um seu membro da Comissão de Redação. O Prof. Manuel Nunes Dias

acaba de ser convidado, e aceitou a incumbência, para integrar a sub-comissão brasileira do Comitê Internacional de História Marítima, que terá papel saliente no próximo XII Congresso Internacional de Ciências Históricas, que se realizará em Viena de 29 de agosto a 5 de setembro de 1965.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

*

O PROFESSOR EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA RECEBEU NO DIA 17 DE JANEIRO AS INSÍGNIAS DE DOUTOR "HONORIS CAUSA" DA UNIVERSIDADE DE TOULOUSE.

Durante uma cerimônia que teve lugar no anfiteatro Jean Bodin da Faculdade de Letras da Universidade de Toulouse, presidida pelo Prof. Marty, decano da Faculdade de Direito — no impedimento do Reitor Loyen — na presença das mais eminentes personalidades da cidade de Toulouse, entre as quais se destacavam o Sr. Pujol, representante do Inspetor Geral Moris, prefeito do Departamento de Haute Garonne, o Sr. Bazerque, prefeito; o Prof. Godechot, decano da Faculdade de Letras; Prof. Lalorthe, decano da Faculdade de Medicina; Prof. Blasot, representando o Prof. Durand, decano da Faculdade de Ciências; o Prof. Eurípedes Simões de Paula, ex-diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e professor de História da Civilização Antiga e Medieval da mesma Faculdade, recebeu as insígnias de doutor *honoris causa* da Universidade de Toulouse.

O Prof. Philippe Wolff, professor de História Medieval da Faculdade de Letras de Toulouse, foi encarregado de pronunciar o elogio do recipiendário.

Discurso de apresentação do Prof. E. Simões de Paula como Doutor "honoris causa" da Universidade de Toulouse pronunciado pelo Prof. Philippe Wolff (*).

Monsieur le Recteur, Messieurs les Doyens,
Mesdames, Messieurs,

En recevant aujourd'hui le professeur Eurípedes Simões de Paula en qualité de docteur *honoris causa*, l'Université de Toulouse entend rendre hommage à la fois au noble peuple qu'il honore, et à sa personne même.

Permettez-moi de le dire tout d'abord. La cérémonie que nous célébrons dégage en premier lieu le charme intime d'une fête de famille. Nombreux sont ici ceux qui eurent la joie d'apprécier la proverbiale hospitalité brésilienne, et plus particulièrement à São Paulo. L'Université de cette active métropole n'a-t-elle pas accueilli nombre d'universitaires français, certains toulousains, d'autres parisiens, comme notre cher Fernand Braudel, dont les leçons ont inspiré le collègue

(*) — Publicado no "Bulletin de l'Université de Toulouse", n.º V de 1965.

que nous fêtons aujourd'hui, comme elles ont inspiré tant d'entre nous? Marquons donc cette fraternité spirituelle qui nous lie, comme, plus largement, les affinités qui s'affirment entre nos peuples — et il ne fait pas de doute que São Paulo est un des lieux du Brésil où elles le font avec le plus d'aisance et de force.

Comment ne pas évoquer aujourd'hui l'extrême gentillesse, la souriante bienveillance, la générosité profonde, dont plusieurs d'entre nous pourraient citer tant de traits? Il est vrai — mais quoi de plus naturel? — que les Brésiliens ont soif d'être aimés pour eux-mêmes, d'un amour qui sache deviner et comprendre les problèmes si nombreux, si ardu, que leur posent une nature souvent rude et hostile, comme une croissance vigoureuse dont il est impossible de maintenir tous les éléments en stricte coordination. Si l'on veut bien se donner la peine de se mettre à leur place, de faire siennes tant de questions délicates, et parfois angoissantes, de ne pas rester "étranger" au milieu de cet admirable peuple au travail, quelle récompense attend ces efforts si simples! Les visages sourient — ceux de tous, collègues, étudiants, administrateurs, gens de la rue, — les foyers s'ouvrent, les conversations se nouent, l'enseignement à l'Université de São Paulo, en cette capitale si justement fière de son sérieux, de son sens de l'effort, devient une expérience passionnante.

Alors se révèlent pleinement les qualités du peuple brésilien: cette étonnante force d'unité, qui, de tant d'immigrants de toute origine, jetés dans un espace immense et si varié, forge une véritable nation. Ce goût profond de l'entente, de la paix, qui a si souvent permis d'éviter des tragédies, et d'imaginer des solutions impensables ailleurs. Et tant d'autres vertus qui, une fois goûtées, laissent — nous sommes ici plusieurs à bien le savoir — une intense "saudade", une inébranlable amitié!

Ces remarques donnent à la présente cérémonie toute sa portée. Elle ne nous éloignent pas de la personne du professeur Eurípedes Simões de Paula. D'abord parce qu'il a, plus qu'aucun autre à São Paulo, travaillé pour l'amitié franco-brésilienne, invité et accueilli des professeurs français, créé autour d'eux les conditions les plus favorables à leur travail, associé leur action à la vie de sa Faculté.

Mais, s'il me revient de l'accueillir moi-même aujourd'hui, c'est qu'il est titulaire d'une chaire d'Histoire de la civilisation antique et médiévale. Il s'en faut, soulignons-le, que de telles chaires existent dans tous les pays de l'Amérique méridionale et centrale, et même de grands pays n'en possèdent pas. L'enseignement ainsi dispensé permet aux historiens brésiliens et, par eux, aux citoyens de leur pays, non seulement de se rattacher pleinement à la part européenne de leurs origines, mais aussi de participer à cet humanisme universel dont nos contrées, spécialement méditerranéennes, élaborèrent en ces siècles lointains les fondations irremplaçables.

Les médiévistes nés, élevés hors d'Europe, cependant, éprouvent moins que nous autres la tentation de limiter leurs horizons aux bornes rassurantes de nos vieux pays. A cet égard, nous avons beaucoup à nous inspirer d'eux. Aussi devons-nous méditer sur

l'ouvrage qui à notre collègue a valu le titre de docteur, et qu'il consacra en 1942 au commerce varègue et à la grande principauté de Kiev (**O comércio varegue e o grão-principado de Kiev**). Avec beaucoup de finesse, l'action des Scandinaves parmi les populations slaves orientales y est comparée à l'installation des Germains en Europe occidentale, où cependant ceux-ci rencontraient des conditions beaucoup plus favorables. Examen qui aboutit naturellement à cette conclusion riche de sens: "Nous pourrions même affirmer — avec les réserves nécessaires — que la période de Kiev en Russie correspond à l'Antiquité du monde méditerranéen, et que pour cette région le Moyen âge commence véritablement avec l'invasion tartare" — c'est-à-dire au début du XIII^e siècle. De la même façon, Tartessos et la route de l'étain, le commerce de Byzance avec l'Extrême-Orient, les relations du Maroc avec l'Ibérie dans l'Antiquité, les origines lointaines de l'Arménie, ont retenu votre attention, parmi la trentaine de publications qui figurent déjà à votre **curriculum**.

L'Histoire est une, et ses méthodes, adaptées à la situation du milieu et des sources, doivent servir à la reconstitution du passé de l'Amérique du Sud. Avant même de devenir professeur à la Faculté de philosophie de São Paulo, le souci de notre collègue était de donner aux historiens, et pas seulement brésiliens, un instrument de travail doté de tout le rayonnement, de toute l'audience internationale, souhaitables pour cette tâche essentielle. A peine **catedrático**, le professeur Eurípidés Simões de Paula fondait en 1950 la **Revista de História**, qui vient donc d'achever sa 15^e année. Au rythme de quatre gros fascicules par an, elle poursuit une action qui fait d'elle, dans le domaine historique, la grande revue de l'Amérique du Sud. Qui saura au prix de quelle somme de dévouement, de générosité, de largeur de vues, d'habileté, déployés par son directeur? Ses articles, ses notes, ses bibliographies constituent une source indispensable et vivante. Il nous est précieux de constater que, par elle, la coopération entre historiens brésiliens et français a trouvé un nouvel organe.

Activités d'autant plus méritoires qu'elles se combinent avec celles, auxquelles la confiance de ses collègues a désigné le professeur Eurípidés Simões de Paula: **diretor** (doyen, dirions-nous) de la Faculté de Philosophie, Sciences et Lettres de l'Université de São Paulo de 1950 à 1957, puis de 1962 à 1964, vice-recteur de cette même Université de 1954 à 1957. Je renonce à citer toutes les tâches qui ont si longtemps accaparé l'activité de l'homme vigoureux, minutieux, passionné de son travail, qu'est notre collègue. Je voudrais cependant signaler encore qu'il est directeur du très riche Musée d'Art et d'Archéologie de l'Université de São Paulo.

Et je voudrais mentionner en dernier lieu des services qui, s'ils ne sont pas universitaires, prouvent éloquemment la qualité du caractère du professeur Eurípidés Simões de Paula, et son attachement à des valeurs qui nous sont chères. Comme officier du corps expéditionnaire brésilien, il a brillamment participé à la libération de l'Italie. Campagne qu'il termina comme capitaine, décoré de la **Medalha Esfôrço de Guerra**, de la **Cruz de Combate**, de la Légion

d'Honneur, de la Croix de guerre française avec palme — décorations qui voisinent sur sa poitrine avec nos palmes académiques.

Encore que brièvement, j'espère en avoir dit assez pour faire comprendre les raisons qui nous ont portés à décerner au professeur Eurípedes Simões de Paula, dès 1954, le titre de docteur *honoris causa* de notre Université. L'énumération, même incomplète, de ses activités, explique assez qu'il n'ait pu plus tôt venir parmi nous pour recevoir les insignes de cette dignité. Notre joie et notre fierté n'en sentent que plus vives aujourd'hui. **Senhor diretor**, mon cher ami, soyez le bienvenu!

*

Resposta do Prof. Eurípedes Simões de Paula (*).

Monsieur le Recteur,
Messieurs les Professeurs,
Mesdames, Messieurs,

De bien loin, nous venon, Monsieur le Recteur et Messieurs les Professeurs, pour recevoir avec une profonde allégresse le grand honneur que vous voulez bien nous témoigner, nous l'acceptons, très fier et heureux, car nous le savons venir à nous comme la preuve d'intimes sentiments d'une amitié plus que centenaire qui unit nos deux pays. Dans les heures difficiles de l'Histoire, de notre histoire (quand mon compatriote Santa Rita Durão conseillait aux Brésiliens, de prendre la France pour marraine), nous avons toujours été ensemble et unis dans l'appréciation de ce que nous considérons essentiel du patrimoine latin de notre civilisation, avec la même conception de ce qui est humain. Cette faveur que vous nous octroyez si généreusement à côté de la Croix de guerre, la Légion d'honneur et les Palmes académiques reçues de votre gouvernement est encore une preuve de la compréhension qui unit les intellectuels de la France à l'intelligence brésilienne.

Comme vous le savez, mon pays est un véritable continent planté dans l'Amérique du Sud, patrie où se sont fondues trois races différentes; or, dès le XVIII^e siècle, ces éléments humains ont été unis par l'intelligence. C'est dans les oeuvres littéraires de vos philosophes qu'ils ont puisé l'ardeur pour les luttes de l'indépendance, ces précurseurs de notre émancipation politique. C'est dans les oeuvres de vos écrivains que la génération des romantiques a cherché et trouvé son modèle, et depuis lors la culture française a eu sa place d'honneur dans notre pays.

Quand a été fondée la Faculté des Sciences et Lettres de l'Université de São Paulo que nous avons dirigée pendant huit ans, conscient de cet honneur, en comprenant la responsabilité, nous avons voulu que des professeurs français nous vissent offrir l'aide de leur science et de leur expérience dans cette voie nouvelle que des tâches plus urgentes nous avaient empêché jusqu'à cette époque, de suivre

(*) — Publicado no "Bulletin de l'Université de Toulouse", n.º V de 1965.

comme nous en avons le grand désir. Et c'est ainsi que le regretté professeur Georges Dumas, citoyen honoraire de Rio de Janeiro, alors capitale du Brésil, membre de son Académie, fut le parrain de cette fondation.

Il y a juste trente ans que vos compatriotes commençaient à donner les premières classes à la Faculté de Philosophie et Lettres de São Paulo. Mais il y a bien davantage qu'a commencé l'échange intellectuel avec la mentalité française. Comme nous avons dit au début, il y avait deux siècles déjà que l'ambiance était préparée et ceux qui connaissent le Brésil savent que dans nos bibliothèques les livres de vos grands hommes sont à une place d'honneur.

A travers tant de vicissitudes apportées par notre destin, cette influence, cette contribution toujours généreuse de la culture française, se renouvelle toujours. Marquée par la clarté cartésienne, elle nous a aidés à donner une forme plus précise à nos difficultés, à la meilleure manière de les résoudre. Maintenant encore, nous avons la satisfaction de compter dans notre Faculté, une douzaine de professeurs français qui nous rendent familières les choses de France et continuent l'amitié traditionnelle qui nous unit. Nous désirons et espérons que cela puisse se poursuivre.

Vers la France, et pour que cette précieuse contribution puisse durer, nous envoyons nos jeunes boursiers, ils en gardent un si doux souvenir. Encore aujourd'hui, nous sommes sensibles aux charmes de la "Douce France" et à l'attrait des idées claires et précises qui marquent si profondément votre culture.

Sans pédantisme, nous Brésiliens, nous sommes sentimentaux, capables de reconnaître nos défauts (même d'en rire), et nous savons que nous avons beaucoup à apprendre de votre expérience, et nous savons aussi que votre culture est généreuse et non exclusiviste... C'est une des raisons du secret de votre influence.

Messieurs, la ville de Toulouse, par la place qu'elle occupe et par son passé, possède d'intimes relations avec l'Ibérie, l'Espagne et le Portugal et ses peuples divers, et la belle langue provençale. Nous, Brésiliens, sommes les descendants d'une branche de ces peuples. Cela explique aussi, peut-être, l'attrait qu'elle peut exercer sur nous, le pays distant de l'Atlantique sud. Mais ceci est du passé, et les Français qui savent le cultiver, savent mieux encore que la véritable Histoire est le présent.

Toulouse fut, en ces temps dominés par l'aviation, une des premières "catapultes" d'où partirent les premiers vols directs pour l'Amérique du Sud. De Toulouse partit une nouvelle ligne aérienne qui unit à cette Europe, notre Amérique qui en vient et lui est si intimement unie.

Toulouse nous est apparue très tôt, quand nos commencions à étudier l'Histoire; Toulouse, Montpellier, Bordeaux sont intimement unies à notre histoire, et c'est pourquoi nous voyons aujourd'hui avec tant de satisfaction se resserrer encore les liens qui unissent nos deux Universités.

C'est donc avec un immense plaisir que nous avons l'occasion de connaître Toulouse, bien que rapidement, et avec Toulouse, une région de votre charmant pays. J'emporterai d'ici un souvenir impé-
rissable de votre amabilité et de votre charmant accueil!

JOSE' BUENO CONTI

*

**CALENDÁRIO DAS REUNIÕES CULTURAIS DA SOCIEDADE
DE ESTUDOS HISTÓRICOS.**

- 1a. reunião 19 de março de 1965.
- 2a. reunião 23 de abril de 1965.
- 3a. reunião 28 de maio de 1965.
- 4a. reunião 18 de junho de 1965.
- 5a. reunião 20 de agosto de 1965.
- 6a. reunião 17 de setembro de 1965.
- 7a. reunião 15 de outubro de 1965.
- 8a. reunião 26 de novembro de 1965.
- 9a. reunião 17 de dezembro de 1965.

As reuniões terão lugar no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Rua Maria Antônia, 294 — 3.º andar), às 20 horas.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

*

**CURRÍCULO PARA 1965 DA SECÇÃO DE HISTÓRIA DA FACUL-
DADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO.**

1. O regime curricular da Secção de História é parcelar; nenhuma seriação é estabelecida, cabendo ao estudante a inteira responsabilidade na distribuição de seus estudos.

2. Para obtenção do diploma **bacharel** o estudante deverá reunir 14 certificados das seguintes disciplinas (12):

A. Disciplinas obrigatórias:

- 1. Metodologia da História.
- 2. História do Brasil Colonial.
- 3. História do Brasil Independente.
- 4. História da América Colonial.
- 5. História da América Independente.
- 6. Geografia Humana Geral e do Brasil.
- 7. História Antiga.

8. História Medieval.
9. História Moderna.
10. História Contemporânea.
11. História Ibérica.
12. Teoria da História.

B. Disciplinas de opção (2) escolhidas entre as seguintes:

1. História da Arte.
2. Antropologia Cultural.
3. Economia.
4. Sociologia.
5. Toponímia.
6. Política.
7. História das Ideias.
8. Paleografia.
9. Elementos de Estatística.
10. História das Doutrinas Econômicas.

a) Além desses cursos, anualmente, as cadeiras e disciplinas do Departamento de História oferecerão, pelo menos, um ano sim, ano não, um curso optativo.

b) Para 1965 o Departamento oferece ainda os seguintes cursos:

1. História do Japão.
2. História Bizantina.
3. História das Religiões.
4. História de Israel.
5. História da Armênia.
6. História da Rússia.
7. História do Islão.
8. Arqueologia.

c) Poderão ainda ser oferecidos outros cursos de opção mediante contrato de especialistas, nacionais ou estrangeiros, para ministrá-los, por sugestão de professores do Departamento de História ou do Centro de Estudos "Afonso d'Escagnolle Taunay".

d. Os cursos de opção serão semestrais (ou anuais), realizando-se as provas ao fim do semestre (ou ano) respectivo. Haverá no mínimo 4 cursos optativos cada ano para a escolha dos estudantes.

3. Este currículo será desenvolvido em 4 anos, observado o limite de 4 disciplinas por ano e proibida a matrícula em disciplinas de horários coincidentes.

4. O curso de Metodologia da História deverá ser feito no primeiro ano de curso, salvo hipótese de reprovação.

5. No curso noturno o currículo será desenvolvido em 5 anos, observado o limite de 3 disciplinas anuais, igualmente proibida a matrícula em disciplinas de horários coincidentes.

6. O curso de **post-graduação** (mestrado) em História, que substitui o de Especialização, será feito em 2 anos, para a obtenção do título.

a) Para fazê-lo, o candidato escolherá uma cadeira ou disciplina do currículo, mediante prévia aquiescência do docente responsável que autorizará ou não a matrícula.

b) Durante o curso o candidato deverá elaborar um trabalho de pesquisa, sob a orientação do professor, e que será objeto de exame final, perante banca de três docentes, sendo sete (7) a média mínima de aprovação.

c) Entre o primeiro e o segundo ano de estudos, fica a critério do professor a realização de provas, podendo este, em qualquer caso, dispensar o estudante se sua escolaridade não fôr satisfatória, comunicando-o à Secretaria da Faculdade.

d) O professor poderá determinar que o candidato acompanhe determinados cursos que julgar úteis ao desenvolvimento do trabalho.

7. Para obtenção do diploma de licenciado o estudante deverá reunir mais 4 certificados das seguintes disciplinas pedagógicas, de acordo com o parecer 292 da Comissão de Ensino Superior do Conselho Federal de Educação (que estão fora dos limites estabelecidos nos itens 3 e 5):

1. Psicologia da Educação: Adolescência, Aprendizagem.
2. Elementos de Administração Escolar.
3. Didática.
4. Prática de Ensino (sob a forma de estágio supervisionado).
8. Este regime curricular entrou em vigor a partir do ano escolar de 1964, aproveitados os certificados já obtidos, para o cômputo do total exigido.

E. SIMÕES DE PAULA

COMISSÃO NACIONAL PARA AS COMEMORAÇÕES DO DIA DE ANCHIETA.

O Exmo. Sr. Presidente da República nomeou, pelo decreto n.º 55.538, de 18 de janeiro de 1965, uma Comissão Nacional para a organização dos festejos do Dia de Anchieta (9 de junho), composta dos Srs. Júlio Mesquita Filho, diretor de "O Estado de São Paulo"; Aureliano Leite, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; J. F. de Almeida Prado, historiador e Eurípedes Simões de Paula, diretor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e diretor da Revista de História.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES